

## Lugares de memória – As memórias do progresso no romance de Jorge Amado

Messias Nunes Correia (Mestre, Letras, UESC)  
Cláudio do Carmo Gonçalves<sup>1</sup>

**Resmo:** O artigo evidencia a metamorfose nos costumes da sociedade ilheense através da história e da narrativa literária de *Gabriela, Cravo e Canela*. Objetiva-se a identificação dos discursos do progresso associados ao coronelismo. Nesse aspecto, a partir da obra em estudo, analisa-se a crítica de Jorge Amado a uma visão hegemônica o coronelismo do cacau e apresenta, por meio das personagens, as vozes dissonantes o desenvolvimento da cidade sob a égide dos coronéis. Para tanto, percorre-se a análise da obra de Jorge Amado em diálogo com a historiografia regional.

**Palavras-chave:** Lugares, Memória, História, Literatura, *Gabriela, Cravo e Canela*.

**Abstract:** The article highlights the metamorphosis in Ilhéus customs of society through history and literary narrative of *Gabriela, Clove and Cinnamon*. The objective is to identify the discourses of progress associated with the Colonels this aspect, from the work study, analyzes the critical Jorge Amado a hegemonic vision coronelismo cocoa and presents, through the characters, the dissenting voices development of the city under the auspices of the colonels. To do so, runs the analysis of the work of Jorge Amado in dialogue with the regional historiography.

**Keywords:** Place, Memory, History, Literature, *Gabriela, Clove and Cinnamon*.

Os contrastes entre as mudanças estéticas e sociais da cidade de Ilhéus acenam às permanências e as marcas visíveis que religam a cidade ao passado ao qual se busca, pelo discurso de progresso e das alterações dos lugares urbanos, obscurecer o vínculo ao tempo de estagnação a partir da euforia futurista.

Nesse sentido, o signo que gradativamente se ergue como provedor dessa transformação é do coronel, seja pela imprensa local, seja pelos lugares de memória que fazem referências aos seus feitos. “A construção dessa imagem de Ilhéus se fez por uma rede de narrativas, que enfatizava lugares e aspectos urbanos que melhor traduziram a ideia de progresso e modernidade” (RIBEIRO, 2005, p. 89).

Com essas discussões, esse capítulo desenvolve-se, a partir do romance *Gabriela, Cravo e Canela* e das memórias literárias, analisandoos discursos de progresso, associado ao coronelismo, a partir da inserção de outras vozes e de outros personagens

---

<sup>1</sup>Doutor em Ciências da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; docente do mestrado em Letras: Linguagens e Representações - UESC e Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

que compõem o enredo ficcional.

O projeto moderno advém do ideal iluminista com pressupostos de um progresso racional e universal que marcam profundamente a sociedade ocidental. Considera-se que os grandes eventos entre os séculos XIX e XX, repousam e afluem nos ideias da burguesia e nas teorias que lhes faziam frente, como é o caso do pensamento marxismo.

De acordo com Ribeiro (2005), as transformações urbanas são parte do projeto capitalista e da nova perspectiva de pensar e viver a cidade, que se faz notar nos lugares públicos compostos por elementos que visam homenagear datas e personalidades por meios dos nomes e imagens, de maneira que se erguem verdadeiros símbolos de culto a esses indivíduos como lugares de memórias. Ainda na análise de Ribeiro (2005), a região baiana que experimentou o sentido de mudança material no início da Primeira República, foi o litoral sul da Bahia, mas precisamente o eixo Ilhéus-Itabuna.

A ênfase que se segue no presente artigo tem por base as personagens de *Gabriela, Cravo e Canela*, numa perspectiva de que o romance compõe-se de lugares de memórias. Para isso, buscam-se maiores esclarecimentos sobre o fenômeno mnemônico e sua intervenção no comportamento e visão de mundo dos grupos sociais.

Em anos recentes, tem-se presenciado a evocação das memórias como fenômeno que permite, de modo eficiente, repensar as sociedades e as problemáticas próprias da contemporaneidade, tanto nos aspectos políticos, quanto culturais e econômicos. Toda a proeminência dada à memória na atualidade é sintomática, uma vez que os discursos não são despretensiosos, e se abrem como construção ou desconstrução de sentidos.

Para Le Goff (1996), a memória nos leva ao conjunto de funções de ordem psíquicas, com as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas. Desse modo, é possível diferenciá-la da História, uma vez que esta última ampara-se em métodos científicos, enquanto o fenômeno mnemônico associa-se, em sua composição à maior espontaneidade, fluência social e individual. Porém, a História reconhece seu *status*, como subárea da investigação historiográfica e podem ser entendidas como coletiva e individual.

De outro modo, para Halbwachs (2006), a memória tem sempre de empréstimo as ideias e sentidos forjados pela vivência em sociedade. Tanto as memórias autobiográficas ou pessoais, quanto à histórica e social se auxiliam, uma de maneira mais densa e a outra mais extensa e esquematizada pelas organizações sociais, institucionais, seja pelos livros, datas e calendários fixos e etc. Não é difícil constatar que o indivíduo é inserido numa memória sem que houvesse participado diretamente de determinado evento, mas a este se aderiu por meio de terceiros formando uma

lembrança através de instrumentos que lhe servem de abertura ou baliza, esses instrumentos estão depositadas em um conjunto social.

As imagens dos acontecimentos adentram nossa consciência refugiadas nas nossas vivências pessoais, mas há sempre o fora de si a qual é impelido o indivíduo para que passe a ver sob o ponto de vista do grupo e os atos, por sua vez, são quase sempre referenciados pela memória social.

Jorge Amado reconhece que a cidade de Ilhéus passa por mudanças estéticas e sociais significativas e chega a discorrer a respeito das alterações urbanas nas vozes de algumas personagens “é como eu lhe digo: nuns quantos anos, um lustro talvez, Ilhéus será uma verdadeira capital. Maior que Aracaju, Natal, Maceió [...] Não existe hoje, no Norte do país, cidade de progresso mais rápido” (AMADO, 2002, p. 16). Essa tônica progressista, pauta de políticos e famílias de renome na sociedade ilheense, gradualmente conquista *status* de discurso oficial. Porém, os contrastes urbanos e os costumes ainda indicavam fortes vínculos com o passado de estagnação que ainda eram constantes, pois as

Tropas de burros, conduzindo cacau para os armazéns dos exportadores, invadiam o centro comercial, misturavam-se aos caminhões que começavam a fazer-lhes frente [...] Era esse passado que ainda estava presente em detalhe da vida da cidade e nos hábitos do povo (AMADO, 2002, p. 13-14).

Amado, ao analisar essas variações e permanências sugere ao leitor os confrontos discursivos e assenta, em caminhos opostos, dois grandes personagens: o coronel Ramiro Bastos e Raimundo Falcão. O primeiro, em evocação ao passado e de resistências as inovações, do qual Ramiro Bastos e seu grupo político se sustentam no uso do poder local; o segundo defende profundas mudanças na cidade de Ilhéus, seja nas vias urbanas, seja nos costumes da sociedade ilheense.

Ilhéus passa, nas três décadas no início do século XX, por significativas alterações, porém, em mão oposta ao discurso oficial de que o progresso esteja associado categoricamente aos coronéis, o escritor desarticula, de maneira progressiva tal associação e evidencia Mundinho Falcão como referencial crítico ao coronelismo regional. “Os coronéis não compreendem que não estão mais naquele tempo, que hoje as coisas são diferentes. Que os problemas não são mais os de vinte ou trinta anos passados” (AMADO, 2002, p. 42).

É certo que a narrativa amadiana, segundo Bergamo (2008), parte de uma orientação política que foi que se aprofundou nas décadas de 1930 e 1940 e que visa, numa recorrência estético-social, denunciar as disparidades e as ideologias atuantes no coronelismo regional. Por isso, Jorge Amado vincula o atraso, ao poder centrado em

mãos da burguesia do cacau, que no exercício do poder não se sentia ameaçada politicamente. Assim, Clóvis Costa, proprietário do semanário de notícias ao procurar Ramiro Bastos sobre a intenção de criar um Jornal Diário presenciou a crítica e o posicionamento hostil de Ramiro Bastos, a quem a ideia não agradou, já que segundo o coronel, não havia oposição a fazer uso do impresso que pudesse atingi-lo. “Quem ameaçava Ilhéus? O Governo, por acaso? A oposição era coisa à toa, desprezível. Jornal Diário parecia-lhe um luxo supérfluo” (AMADO, 2002, p. 60).

O fato é que a região e, especialmente, a cidade de Ilhéus são exemplos consideráveis da apropriação ideológica, política partidária e familiar da imprensa. Assim, todos os jornais que circulavam na cidade de Ilhéus pertenciam diretamente aos coronéis. Se os lugares rurais foram palco de disputas sangrentas, o cenário político urbano era arena de debate discursivo através da imprensa jornalística e que muitas vezes provocava conflitos diretos com violência proporcional aos tempos das conquistas.

Esses fatos históricos saltam a todo instante a obra em estudo, sobretudo no que tange a importância da criação do Jornal Diário que foi patrocinado por Mundinho Falcão, antecedido pelo descaso de Ramiro Bastos que em sua postura conservadora, desconfiava dos novos hábitos e empreendimentos e não via no impresso uma efetiva ameaça ao seu prestígio político que até então era indescritível, mas que gradativamente seria abalado pela própria dinâmica social, o crescimento da população com a chegada de forasteiros, mas, especialmente, com os empreendimentos de Mundinho Falcão e as mudanças dos costumes que ocorriam à revelia dos coronéis e, desse modo, sugestionava o enfraquecimento do coronelismo.

Mundinho Falcão chegou aqui outro dia, como diz Amâncio. E veja quanta coisa já realizou: abriu a avenida na praia, ninguém acreditava, foi um negócio de primeira, e, para a cidade, uma beleza. Trouxe os primeiros caminhões, sem ele não sairia o diário de Ilhéus nem o clube Progresso. -Dizem que emprestou dinheiro ao russo Jacob e a Moacir para a empresa de marinete (AMADO, 2002, p. 42).

Somam-se a esses feitos, a obra da estrada de Ilhéus a Itabuna, a vinda do engenheiro para o trabalho de ampliação do porto, a equiparação antecipada do Colégio Enoch e, além disso, as críticas de Mundinho aos costumes que se transformaram em “leis” na sociedade ilheense e que sustentaram social e politicamente o coronelismo.

Os lugares reais, construídos e ocupados pelos fazendeiros na cidade, comportam-se de memórias que perpassam a compreensão do fenômeno político regional e, de igual modo, a literatura de Jorge Amado se abre como importante marco discursivo, principalmente, numa evidente oposição à “memória oficial” do progresso,

ao que distingue tal fato ao descentro ou alheamento do coronel e, em seu lugar, põe-se o visionário empreendedor, Mundinho Falcão, pois o

progresso era a palavra que mais de ouvia em Ilhéus e em Itabuna naquele tempo. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida. Aparecia nas colunas dos jornais, no cotidiano e nos semanários, surgia nos discursos na Papelaria Modelo, nos bares, nos cabarés. Os Ilheenses repetiam-na a propósito das novas ruas, das praças ajardinadas, dos edifícios no centro comercial e das residências, das marinetes saindo pela manhã e à tarde para Itabuna, dos caminhões transportando cacau (AMADO, 2002, p. 12).

Se o discurso progressista ocupa o cotidiano da elite do cacau isso significa que as memórias se abrem em várias perspectivas, seja embasada na força da tradição oral, na estrutura simbólica das famílias. Mas também, na opulência dos monumentos e no discurso escrito.

Le Goff (1996) apresenta dois pontos para se pensar os aspectos mnemônicos na sociedade: uma embasada na oralidade e outra na escrita. Essas vertentes são, na visão do historiador, manifestações imprescindíveis ao conhecimento das várias organizações sociais e seus processos de transformações, bem como as permanências de tradições e símbolos de coesão de vários grupos sociais.

Com isso, nas comunidades em que não há o uso da escrita é possível identificar um aparato mítico rico em simbologias e que evoca as origens, numa organização em que a tradição oral resguarda uma teia de informações, de segredos, quase sempre relacionado a uma expressão religiosa do grupo ou àquele que representante ou que é encarregado de manter as tradições e assegurar a concordância interna. Esses fatores são, a todo instante, tecidos pela memória coletiva do grupo assegurada pela oralidade.

A escrita, por sua vez, instaura um conjunto de transformações radicais nas sociedades e modifica o posicionamento e a percepção de mundo dos indivíduos e da coletividade e a memória tende a expandir de mais fixa e rigorosa, porém ambas através perpetuam as ações e possibilitam novos sentidos e transformações coletivas.

A literatura amadiana é atravessada pelos “regimes de discursos: um popular, agenciado das narrativas orais da beira de cais, dos cegos de feira, dos cantadores de â-bê-cê, das conversas de bares e cabarés, de canções e versos populares” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 243). Isso faz o escritor acessar a comunicação com grande público, mas também, com um teor que se afasta do trivial e que transita por uma postura política e busca falsear o discurso oficial e revelar suas fragilidades. “O que ele quer é restabelecer uma narrativa verdadeira, usando a ficção para denunciar a ficção dos discursos oficiais. Sua linguagem ficcional se submete, pois, a este imperativo de dizer a verdade, de revelar o falseamento da ideologia burguesa” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 243). Para isso, Jorge Amado insere vozes “silenciadas”

numa posição ativa na dinâmica social e, portanto, faz uso das memórias não oficiais para resguardar a crítica a hipocrisia burguesa, pois para o escritor baiano

A literatura discute questões fundamentais do ser e da vida político-social e procura desenvolver estratégias discursivas tendo em vista romper com a alienação do cotidiano que, na sociedade massificante, leva a minimização da própria significação (BERGAMO, 2008, p. 55).

Nesse sentido, o romance coloca em relevo a crítica ao progresso da burguesia do cacau, por meio de uma postura humana diferenciada do Mundinho Falcão, em sua elegância discursiva, na gentileza, pelas obras que transformam a cidade de Ilhéus e, notadamente, pela voz que se eleva com o ideal de justiça em terras em que a lei sempre esteve à margem das decisões públicas e privadas.

A proeminência política do coronel Ramiro Bastos na cidade de Ilhéus permeia a narrativa do romance, ao que vai, gradativamente, sendo desconstruída, ao passo que há uma ascensão do Mundinho Falcão. Primeiro pela restrição da atuação do coronel Bastos aos lugares próximos ao seu convívio, aos quais Ilhéus encontra-se reduzida, “mas Pirangi, Rio do Braço, Água Preta? O povo ta reclamando, ta exigindo” (AMADO, 2002, p. 209). Em compensação, Mundinho amplia sua atuação, em acordo político com Aristóteles, a outros lugares “olhe por Itabuna, a zona do cacau é uma só. Olhe por esse interior abandonado” (AMADO, 2002, p. 269).

Ou seja, Jorge Amado aponta e critica o reduto político que atende aos interesses da menor parte da população, uma vez que as demandas sociais eram mais amplas e, portanto, o projeto político e o difundido progresso atende, em larga escala, a burguesia local em detrimento de grande parte da população da zona do cacau, pois “nenhum deles teve uma preocupação efetiva, embora muitas vezes declarada, de trabalhar a cidade como um todo, isto é, incluindo nas suas análises e proposições, soluções para a pobreza urbana” (RIBEIRO apud SOUSA, 2005, p. 107).

Ainda de acordo com Ribeiro (2005) as alterações dos lugares urbanos sob o signo do progresso produziu um espaço privilegiado da elite ilheense e deixou de fora grupos menos favorecidos, ao passo que a burguesia passou a realizar investimentos nos imóveis que ocupavam as principais ruas da cidade. Assim, a população mais modesta era expulsa e se alojava nas periferias como os morros da Conquista, Unhão e Malhado. Porém, fazia-se sentir a influência do mandonismo em todo o corpo social, pois

permeava as mais diversas instâncias da vida municipal, mostrando-se presente em quase todas as manifestações sociais. Não seria exagero afirmar que os coronéis possuíam o poder de vida e de morte sobre a sociedade (FALCÓN, 1995, p. 92).

Jorge Amado critica essa difusão do poder ao narrar o desfecho político, o declínio de uma estrutura de governo dos coronéis e elabora a imagem de transição e de mudanças e, por sua vez, falseia o discurso e a memória de progresso, pois sua intenção

como romancista engajado não visa

exclusivamente produzir um objeto de arte esteticamente válido, mas realizar uma obra que contenha um sentido revolucionário, em uma conjugação que entrose radicalidade estética e radicalidade ideológica. A posição requerida consiste em afirmar a necessidade de que ela atue como veículo de conscientização e de esclarecimento público, sem prescindir dos efeitos estéticos (BERGAMO, 2008, p. 51).

Ainda nessa perceptiva de estética e ideologia no romance *Gabriela, Cravo e Canela*, o autor recorre, no processo de transição e de reposicionamento político de Ilhéus, ao personagem do coronel Jesuino Mendonça, que matara a tiros de revólver, sua esposa Sinhazinha Guedes Mendonça e o jovem amante, Osmundo Pimentel. Os assassinatos dos referidos personagens acenam para as “leis” não escritas, mas que compunham a memória associada ao machismo, à demarcação clara e contundente da figura masculina que deveria manter sua honra intacta. Porém, ao enfatizar a condenação do coronel traído, Jorge Amado mais uma vez constrói o discurso mnemônico de transição e otimismo de que Ilhéus não é mais a mesma cidade, pois “pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante” (AMADO, 2002, p.363).

Para conter qualquer medida legal de julgamento ou punição dos coronéis, o município de Ilhéus tinha, ao longo do tempo, mais advogados que qualquer outro profissional liberal e eram todos atrelados, de alguma forma, aos mandatários do cacau e por eles agenciados (Falcón, 1995).

Então, com a condenação do coronel Jesuino Mendonça e a impotência dos seus correligionários, frente ao julgamento, percebe-se que as memórias épicas e heróicas da conquista da terra, a recorrência da violência impune dos fazendeiros, gradativamente, perdem espaço às outras narrativas dos novos moradores da cidade, que não possuíam vínculos com essa trajetória e que, portanto, não se enquadravam nos mesmo signos que regiam o pensamento coronelista.

Para Albuquerque (2011), os tradicionais nomes da região do cacau eram gradativamente substituídos pelos novos moradores e, desse modo, a sociedade de sangue perdia espaço sem luta efetiva para sociedade do dinheiro, dos escritórios, dos telefonemas, telegramas. Isto é, o difundido progresso seguia o curso da própria dinâmica social e esteve, em grande parte, na compreensão de Jorge Amado, a revelia do coronelismo. Nota-se que desde a segunda metade do século XIX e início do XX, Ilhéus recebe, segundo o escritor, pessoas de várias partes do país e, até mesmo, do exterior.

Naquele tempo, no rastro do cacau dando dinheiro, chegavam à cidade de alastrada fama, diariamente pelos caminhos do mar, do rio e da terra, nos navios, nas barcas e lanchas, nas canoas, nos lombos dos burros, a pé abrindo picadas, centenas e centenas de nacionais e

estrangeiros oriundos de toda parte: de Sergipe e do Ceará, de Alagoas e da Bahia, do Recife e do Rio, da Síria e da Itália, do Líbano e de Portugal, da Espanha e de *Ghettos* variados (AMADO, 2002, p. 32).

Essa confluência de nacionalidades e culturas enfraquece o discurso vinculado aos coronéis como os detentores do progresso e, apresenta uma cidade atravessado por outras vozes que não convergem para o mesmo ponto de coesão, o coronelismo. Nesse sentido, Leal (1997), apresenta alguns fatores que podem contribuir para o enfraquecimento do coronelismo, que é o processo de aperfeiçoamento eleitoral, o crescimento dos meios de comunicação e transporte, que de certo modo, põem as pessoas da zona rural num contato maior com a política. A população da zona urbana havia crescido e com esta, a produção industrial tornou-se rival em referência à rural.

Os monumentos, as ruas, os palacetes, as avenidas, os jardins e os jornais, compõem-se dos lugares de memórias da elite, do mesmo modo, sugere um “silêncio” dos grupos que não ocupam esses espaços e que, portanto, não participa do progresso ou pelo menos de maneira positiva, pois

com o desenvolvimento das atividades portuárias e industriais, os contingentes de trabalhadores que se incorporavam à vida urbana passaram a ocupar o morro da Conquista e os terrenos alagadiços entre a antiga estação ferroviária e os morros vizinhos, antiga ilhas das Cobras. Os extremos da cidade, a ponta da Pedra, ao sul, e a ponta de Areia, ao norte, sofreram o mesmo processo de ocupação e integram o *lôcus* da pobreza (RIBEIRO, 2005, p. 107).

Jorge Amado tece, no enredo do romance, uma cidade dinâmica em que os vários atores sociais assumem posições e, dessa maneira, desconstrói a suposta predominância mnemônica atrelada à elite ilheense. A ativa cidade é palco de contradições discursivas e, nesse sentido, atravessada pelo inconformismo, pela subserviência, pela busca do poder, da hipocrisia, dos prazeres sexuais, da sensibilidade poética, das traições, o desprezo à civilidade, enfim, emerge em meio à narrativa “oficial” e heróica do desbravamento, da mudança estética e arquitetônica da cidade, do rigor patriarcalista, da coragem e dos grandes feitos; o cotidiano, a nudez e os dissabores humanos, mas que se delinea na esperança de mudanças concretas.

Sendo assim, “em um mundo aparentemente sem saída, abalado por cataclismos que desafiam o modelo civilizacional vigente, a ficção amadiana é a antecipação e a promessa de concretização da utopia igualitária” (BERGAMO, 2008, p. 96) e essa utopia faz-se ouvir na voz forte e contestadora do personagem de *Gabriela, Cravo e Canela*, o sapateiro Felipe, homem de opinião anarquista que não ocultava seu posicionamento social e político ao exclamar que havia chegado o tempo dos trabalhadores e que, em suas mãos, estava o destino do mundo.

Portanto, o romance *Gabriela, Cravo e Canela* posiciona-se como marco importante, lugar de memória não “oficial”, mas que força a reinterpretação do fenômeno político local e acena para um otimismo social e político, visto que a metamorfose da cidade estava comprometendo as velhas tradições e costumes que, gradativamente, perdiam espaços no cenário social de Ilhéus, como será analisado a seguir.

### **Costumes em trânsitos- tensões sociais e decadências nas bases do coronelismo**

*Gabriela, Cravo e Canela* permite, além da abordagem do fenômeno político regional, perceber os lugares de papel que são construídos nas tensões do cotidiano da sociedade Ilheense. No plano geral, o autor amplia a visão e a imagem da decadência do tradicionalismo, do heroísmo áspero e ergue, por meio do discurso literário e dos elementos cotidianos, as memórias que transformam os lugares no jogo das individualidades cotidianas e nas dinâmicas de proporções coletivas.

A poética e a narrativa de Jorge Amado visam contribuir, de maneira atemporal, para o surgimento de novas posturas frente à espoliação, o mandonismo do coronelismo aos grupos que se constituem a margem do projeto moderno. Por isso, segundo Albuquerque (2011) Amado condenada a modernidade por significar a destruição de natureza idílica, uma vez que torna o homem cada vez mais predatório. Em especial, a obra do escritor baiano passa

a enfatizar um aspecto muito importante : a vida social e individual inserida em circunstâncias cotidianas. Ganha relevância igualmente a propensão cognitiva do gênero para o processo de apreensão da realidade objetiva, uma vez que o método realista ou o ‘realismo formal’ é um preciso instrumento de análise histórica da sociedade (BARTHES apud BERGAMO, 2008, p. 38).

Isso significa que essa ênfase no realismo é parte do perigo moderno, que na concepção de Jorge Amado, exige o imperativo de mudança e, para isso, é preciso elaborar novos discursos que denuncie seus preconceitos e os mecanismos de demarcação dos lugares de segregações. Assim, *Gabriela, Cravo e Canela* evoca e apresenta no palco social figuras intocáveis ou que representam graus de inferioridade mediante a elite da burguesia agrária. Isso se dá por meio da prescrição e do registro de uma memória que conquista lugar a partir das personagens que são lidos num alto grau de parentesco com o dia-a-dia da população da zona do cacau.

Seguem-se alguns exemplos de como Amado identifica a transição dos costumes por meio das personagens que compõem o enredo de *Gabriela, Cravo e Canela*.

Em tons poéticos, Gabriela traz a imagens do cotidiano, o apelo às coisas simples, a inadequação às convenções sociais, ao ideal de civilidade e dos costumes

impostos pela nova burguesia do cacau. Seus gestos de generosidade são despreziosos frente à hipocrisia moral da sociedade ilheense e, sobretudo, impõem-se como um contraponto a esta moral pelo recuso da sexualidade, do prazer sexual e da postura despreocupada em referência às normas de funcionamento “harmonioso” das famílias e dos “bons costumes” da elite local.

Os dramas se revestem do teor satírico, ainda que transmitem os problemas humanos de sua época e, mesmo sem a predominância da violência no enredo, que se mostram em momentos esporádicos, percebe-se o conflito entre a estagnação, o progresso e a evocação da simplicidade e da liberdade na voz e no jeito de ser Gabriela que “só desejava do sol, o calor para bem viver. Só desejava o luar de prata, pra repousar. Só desejava o amor dos homens, pra bem amar” (AMADO, 2002, p. 241).

A inconformidade de Gabriela ao casamento formal, aos ambientes civilizados, as vestes e ornamentos, a postura crítica e de reconfiguração do lugar da mulher na sociedade ilheense subverte o “destino” feminino relegado ao casamento, ao labor doméstico e a subserviência ao marido. Albuquerque (2011) diz que Gabriela, moça simplória de *Gabriela, Cravo e Canela*, representa a possibilidade da conquista da felicidade na pobreza, sem amarras da lógica burguesa.

Para Táci (1961), Gabriela não se civilizou e possui a alegria de viver livre, sem sapatos, brinca de roda, rir alto, tem prazer em ir ao cinema, saborear as goiabas e pitangas, ver as flores, os bichos, caminhar pelas ruas e desfrutar do amor, do amor do “moço bonito”. Ela faz crer na bondade, mesmo em um ambiente de prisão e, justamente por não ser civilizada transmite uma bondade natural que se estende indiscriminadamente a todas as pessoas.

Nacib, por sua vez, ao casar-se com Gabriela, assume a obrigação de introduzi-la no convívio das “boas famílias” e, para isso, submete Gabriela ao processo de civilidade, reeducando seus costumes, fato que não logra êxito, como expresso no *Cantar de Amigo de Gabriela*:

Oh! Que fizeste, sultão,  
De minha alegre menina?  
Manda de volta ao fogão  
a seu quintal de goiabas  
a seu dançar marinhoiro  
a seu vestido de chita  
a suas verdes chinelas  
a seu inocente pensar  
a seu riso verdadeiro  
a sua infância perdida  
a seus suspiros no leito a sua ânsia de amar.  
Por que queres mudar!  
(AMADO, 2002, p. 241).

O que está em questão nesse contexto é a vontade da mulher, sua autonomia e seu reposicionamento social; sua inconformidade aos modelos da sociedade.

No evento de traição de Gabriela à Nacib, mais uma vez o escritor baiano busca construir lugares mnemônicos a partir do discurso de transição, pois seu esposo Nacib, não a puniu com a morte, como a honra assinalava e, além disso, o próprio Nacib a perdoa e retomam a relação à revelia das convenções sociais.

Aliada a essa postura crítica das normas morais da burguesia do cacau, tem-se Malvina, jovem decidida a não incorrer sua vida na submissão ao marido, ao trabalho doméstico, mas com pretensões incomuns às jovens da época foge em busca de autonomia e de realização pessoal em detrimento à vontade dos seus pais e, esse fato fora precedido dos vários confrontos ideológicos no âmbito familiar e da elite local

Malvina fugiu sem deixar rastros, aproveitando a confusão da partida para as férias, o colégio em desordem. Melk chamara a polícia, na Bahia não estava. Comunicou-se com o Rio, não encontraram [...] Muitos meses depois, em plena safra do ano seguinte, noticiou-se que ela trabalhava em São Paulo, num escritório, estudando de noite, vivendo sozinha. A mãe reviveu, nunca mais saíra de casa. Melk recusou-se a ouvir uma palavra sequer (AMADO, 2002, p. 297).

Nesse sentido admite-se analisar o lugar da mulher na sociedade burguesa e qual o papel a ser desempenhado pela figura feminina na família e nos afazeres domésticos. Ambiente que por muito tempo representou o mundo e o espaço de atuação da mulher e, ainda, monitorado pelo olhar do provedor do lar, o marido. O que se percebe é uma sociedade estruturada sob o viés androcêntrico e patriarcalista.

Assim, na modernidade, a mulher, em específico, foi negada e colocada apenas como um complemento do masculino, não tendo vontades objetivas; não tendo nenhum tipo de desejo pessoal; encontrava-se ancorada numa visão fatalista e destinada apenas à procriação.

Jorge Amado chama a atenção para os coronéis que perdiam espaço e controle até mesmo no seio familiar e se esgotavam, de maneira gradual, dentro dos símbolos patriarcalistas que regiam a sociedade ilheense.

Outro fato relevante para se pensar as mudanças dos costumes da cidade de Ilhéus na narrativa de Amado são denunciados através da atitude do coronel Coriolano, quando, ao flagrar sua protegida Glória com o professor Josué, em um ato de traição, ele a abandona, mas poupa-lhe a vida.

Ou ainda, a participação das mulheres do Bataclan no evento religioso, em ocasião da procissão, realizada pela igreja, a fim de intercederem juntos, em tom de prece, para que a chuva voltasse a adubar as terras dos cacauais, mesmo em oposição ao consenso das famílias de prestígios e que se punham como defensoras da moral cristã.

A presença explícita da homossexualidade no cenário geral, denuncia o infortúnio da cidade, forjada na figura do macho, mas que se resguardava numa ocultação da referida prática, uma vez que ainda predominava na cidade de Ilhéus, que vivia sob o signo da macheza, a ideia de que não havia espaço para os requintes de bunda. Nesse sentido, Jorge Amado (2002) enfatiza o posicionamento da elite burguesa de que basta para a imoralidade da sociedade ilheense as presenças incômodas e asquerosa dos homossexuais Machadinho e MissPirangi.

Amado (2002) diz que o aspecto ordeiro da cidade governada a força pelas lendárias figuras do coronelismo se via abalada pelas insurgências dos malandros, dos ladrões, vigaristas, gente pouco recomendável fugida da Bahia e que substituíam os jagunços na paisagem humana da cidade.

Nesse aspecto, Bergamo (2008) afirma que o romance que nasce no contexto das sociedades administradas capitalista, os indivíduos que não se integraram no todoa manipulação do mercadocolocando-se à margem é apresentado em *Gabriela, Cravo e Canela*, como o novo herói que resignadamente forma uma fissura em o “eu” e o mundo externo.

Em questão estão as negociações entre os lugares de memórias individuais e coletivos, porém, há um impasse em se tratando da delimitação das fronteiras entre memória coletiva e individual. Se por um lado identificam-se como particulares, de outro, permeiam-se e confluem-se, pois “as lembranças permanecem coletivas [...] ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Desse modo, a memória pessoal parte sempre de um grupo, lugares e imagens como referências. E assim, na manifestação individual da memória há o reencontro os pontos referenciais nas relações em grupo que se manteve em outros tempos e espaços. Assim, o estar só, não passa de uma aparente realidade que Halbwachs explica recorrendo às imagens de

quando um homem entra em casa sem estar acompanhado por ninguém, sem dúvida durante algum tempo ‘ele anda só’, na linguagem corrente- mas ele esteve sozinho apenas em aparência, pois, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam por sua natureza de ser social e porque ele não deixou sequer por um instante de estar encerrado sem alguma sociedade (2006, p. 42).

Ao revelar os segredos que sustentavam a moralidade hipócrita da sociedade de Ilhéus e pôr em confronto as memórias individuais e coletivas, Jorge Amado parece incidirpor dentro,as bases que sustentavam a sociedade burguesa e, para isso, não se detémmeramente numa crítica a estrutura política do coronelismo, mas denuncia os

detalhes das histórias individuais e sociais, os segredos, as simulações, mas também, a entusiasmo, o vigor, a autenticidade que são incorporados em muitos dos seus personagens.

O romance *Gabriela, Cravo e Canela* contribui para legitimar alguns valores do povo ilheense que não eram contemplados com vivacidade e autenticidade nos veículos de comunicação impresso, uma vez que atendiam aos interesses dos políticos e dos seus correligionários. Assim, o romance em estudo encontra-se

habilitado a concentrar uma grande quantidade de informações sobre a vida social e individual, destacando, sobretudo, os aspectos mais contraditórios da realidade e suas principais conseqüências do sujeito histórico em interação com o meio a qual se insere (BERGAMO, 2008, p. 38).

Jorge Amado enfatiza elementos populares, “Traíra, violeiro de fama, o moço Batista, contador de modinhas e Mário Cravo, santeiro maluco, mágico de feira. Seu Nilo apitava, a sala sumia, era terreiro de santo, candomblé e macumba” (AMADO, 2002, p. 346). Em sua maioria, festas subversivas ou mal vistas pela elite local, como é o caso das rodas de capoeira e dos terreiros de candomblé. No escondido do cais, nos bares dos portos por era onde se esperavam os jogadores de ronda, os mestres de angola, os pais de terreiro e para isso, apenas esperavam-se a polícia esquecer.

A cozinha de Gabriela, bem como sua culinária, são molduras narradas pelas mãos de um Jorge Amado artista, que desvela, dos escombros dos discursos pretensiosamente oficiais da elite local, uma tela de culturas que se interagem, dialogam, se alteram por meio das relações e sabores regionalistas e estrangeiros. Os elementos que compõem as atrativas comidas de Gabriela, o milho, a farinha, os bolos, a canjica, a banana-da-terra, os beijus, os vatapás, acarajés, tudo isso traduz a variedades de locais, nas mais diversas influências étnicas, mas que se abre para uma novidade árabe: o quibe.

Há um empenho do escritor baiano em reunir os lugares de memórias, contrapondo-os entre si tendo em vista a captação do leitor numa reelaboração futurista, numa busca constante de demonstrar ao povo baiano e brasileiro sua riqueza cultural. Isto é, Jorge Amado recorre à literatura para questionar a desatenção social para aquilo que compõe a realidade local e em extensão, ao Brasil.

*Gabriela, Cravo e Canela* conduz o leitor a pensar a região cacaueteira em seu nível local, de costumes, tradições, culturas e, do mesmo modo, as relações culturais das mais variadas, sejam brasileiras ou dos imigrantes de vários países que contribuíram para formação da população ilheense. Sua intenção é demonstrar que as transformações urbanas e nos costumes da cidade de Ilhéus dirigem-se para um ideal de sociedade mais

complexo, dada a atuação dos vários sujeitos e memórias.

Sobre isso, Hall(2006) aponta para outra via que está sendo gerada a partir da oposição ou aproximação entre global e local. Destaca-se aqui, que não é possível evocar o triunfo de um e o aniquilamento de outro, mas, identificam-se novas concepções de culturas permeadas por mecanismos simbólicos que alteram significativamente nas tradições e nos costumes dos grupos sociais.

Para Canclini (1997), o desenvolvimento urbano foi um dos vetores importantes para o que ele chamou de hibridismo cultural, uma vez que a sociedade deixou de ser dispersas, formadas por várias comunidades com culturas tradicionais e locais e, em algumas regiões com raízes indígenas e foram se aproximado do resto da nação e das tramas majoritárias urbanas e das suas ofertas simbólicas, e esses espaços urbanos se entrecruzam as forças e as suas demandas culturais e mnemônicas. Nesse aspecto, a exemplo do coronelismo que se impunha como distribuição de regra às esferas sociais, a modernidade como seu *habitat*, classificou normas para lugares específicos e, paradoxalmente, a vida urbana transgrediu a todo instante essa ordem.

Os lugares de memória em *Gabriela, Cravo e Canela* são conflituosos, seja pela presença dos coronéis e as disputas entre si, seja pela diferenciação dos grupos das recatadas mulheres, ou das damas do Bataclan e, ainda, as expressões das festas populares, as ações dos xibungos e vagabundos, escorias da sociedade ilheense.

Jorge Amado ao abandonar o maniqueísmo que marcou suas obras anteriores à *Gabriela, Cravo e Canela* com forte demarcação do bem e mal, explorador e explorado, enfim, enredo eminentemente marxista permite ao leitor do romance em estudo percorrer as várias forças que atravessam o convívio social. Por isso, o escritor grapiúna ampara-se em concepções políticas, sociais e culturais, dos mais explícitos aos micros.

O mito do discurso homogêneo dos coronéis não se sustenta, pois, de acordo com Foucault(2006), não há grupo que se encontre alijado do poder ou que desse não faça uso, numa postura de vítima desprovida de mecanismo frente ao poder político administrativo. Por isso, ele aponta para algumas formas de poder que são exercidos sobre o indivíduo na conjuntura moderna que é a atuação disciplinar com que este estão inseridos nos sujeitos.

Este caráter discursivo centrado na figura corporal do rei passa a ser o ponto de referência à política e sofre alteração com o advento da República, haja vista que o corpo começa a ser inserido no âmbito da sociedade, especialmente, a partir do século XIX.

Os discursos, ao longo da história, vem alterando, criando e dando utilidade ao sujeito num jogo de representações, às vezes sutis, outras explícitas, mas em todo caso o corpo materializa o que se normatiza como poder. É possível perceber que estas ações impostas ao indivíduo provocam um movimento de reivindicação numa oposição, em embates com o poder e, por isso, é preciso ressignificar a forma de adequá-lo em outros investimentos.

Em *Gabriela, Cravo e Canela*, o coronelismo é datado e que, revestido de força aparente, é corroído por outras forças que fogem do seu domínio. É, portanto, rico em símbolos visuais e discursivos, mas barulhento, instável e incapaz de conter a metamorfose da sociedade. Porém, não é algo à parte, um fenômeno que se desliza a revelia das outras instâncias sociais, mas expressão de tempos e espaços históricos e, portanto, sujeito às mudanças. Por isso, as vozes saudosistas dos coronéis Ramiro Bastos e Melk, o inconformismo do coronel Jesuíno Mendonça ao ser levado a julgamento, a insatisfação de Nacib com a indomada Gabriela.

Os fatores até aqui discutidos sobre o declínio do coronelismo sul da Bahia sugerem outro agravante: os coronéis foram perdendo espaço, sobretudo, por não construírem herdeiros políticos vinculados diretamente a produção e administração do cacau e das propriedades rurais. Seus filhos não criavam vínculo com o modo de vida rural, pois quase sempre iam estudar nas capitais e apenas usufruíam das riquezas dos pais, pois esses jovens chegavam à cidade de Ilhéus no

fim de ano, os meses das festas de Natal, de Ano-bom, dos Reis Magos, das festas de formatura, das festas da igreja, com quermesses armadas na praça do Bar Vesúvio, a cidade cheia de estudantes em férias, petulantes, vindos dos colégios e faculdades da Bahia (AMADO, 2002, p.295).

Desse modo, as gerações que sucediam as figuras emblemáticas do coronelismo apoiavam-se, apesar da petulância, em outras posturas e ideologias desses jovens, que não se configurava como uma reprodução dos modelos do coronelismo. Isso implica a ideia de que o contato com outras esferas sociais, o convívio em grandes centros urbanos, como Salvador e Rio de Janeiro possibilitava novos lugares de memórias e, desse modo, um crescente desinteresse ou distanciamento das memórias dos seus antepassados. Os espaços que eram transitados pelos filhos dos coronéis possuíam outras categorias de experiência e valores que não àquelas circunscritas pela lógica do coronelismo.

Para Canclini (1997) a contemporaneidade é marcada pelo intercruzamento das várias culturas que compartilham os mesmos espaços e, portanto, se desmoronam as fronteiras que haviam entre o subalterno e o hegemônico/ tradicional e o moderno, ou

seja, essa mova modalidade de culturas híbridas que pulveriza a modernidade e mudam as dinâmicas nos urbanísticas, política e sociais, mas sobretudo, formula outras vias de culturas.

Entre esses itinerários culturais, na cidade de Ilhéus no início do século XX começaram a despontar manifestações literárias com declamações públicas de poesias. Jorge Amado reserva parte significativa da sua obra a retratar a presença e as performances dos poetas na “Terra de Gabriela”, com a intenção explícita de provocar uma mudança de percepção de mundo e da sensibilidade de uma sociedade em que o prazer dos coronéis resumia-se aos bares e cabarés.

Assim, o romancista inicia a narrativa com a ideia de que o coronel Jesuíno Mendonça era pouco afeito as leituras e as demonstrações artísticas. O coronel em questão representa uma mentalidade em que a virilidade se mede pelo desprezo às coisas do espírito, aos sentimentos que revelam fraqueza e, portanto, estão relacionados ao rol das fêmeas. Por isso, no olhar de desconfiança, outro coronel afirma: “poeta, hum [...] esses tais poetas na verdade não passam de eméritos facadistas” (AMADO, 2002, p. 243).

Essa afirmativa permite seguir a mesma linha de arguição, já que a transição dos costumes foi, influenciada, na concepção do romancista pela presença e atividade literária.

A maneira com que Jorge Amado evidencia o poeta e a poesia nos lugares de memória diferencia mais uma vez o romance *Gabriela, Cravo e Canela* dos seus precursores. Provoca-se, assim, em meios aos homens rudes, sanguinários e autoritários a sensibilidade poética que fala à sociedade através de outros recursos e que permitem a ampliação de mundo e novos posicionamentos humanos. Formaliza-se, desse modo, a força que a obra poética exerce, por ser esta carregada da alocação que significam e ressignificam à dinâmica social e cultural. É importante pontuar que esta dinâmica é permeada pelas negociações, os acordos e desacordos, as harmonias e desarmonias, os embates ideológicos que regem o comportamento dos indivíduos e grupos sociais.

Jorge Amado percebe a materialização dos discursos, quer sejam nos veículos utilizados sistemicamente pelos coronéis para a difusão de suas ideologias, quer sejam nas artes literárias e na atuação dos poetas na cidade de Ilhéus, uma vez que a memória tende a se fixar em eventos que, de maneira ou outra marcam os indivíduos e os grupos. É nesse interstício de negociações que emerge a presença dos poetas que numa linguagem incisiva e inovadora provocam percepções diferenciadas da sociedade.

Neste ínterim, os lugares de papel que se põem no palco do romance de Jorge Amado são evocados, apreendidos e revestidos de metáforas e analogias por onde se erguem novos discursos e memórias.

O jornal *Correio de Ilhéos* noticia a inauguração e a importância do edifício da Associação Comercial de Ilhéos, que além de enobrecer a estética da cidade por suas formas elegantes, também propiciaria a população local um espaço luxuoso onde pudesse participar das conferências públicas, sobretudo, das apresentações literárias, pois

a sociedade de Ilhéos, sempre zelosa dos seus foros de cultura e civilidade, compete munir-se, quando por quando, de uma suficiente dose de paciência, para ir aplaudir, em nome do “bom gosto”, os monótonos arengadores de frivolidades. Entretanto, essas conferências literárias eram, entre nós, de todo em todo impossíveis por nos faltar justamente um salão favorável (Correio de Ilhéos, 1921).

O texto traz um posicionamento de que a adesão dos eventos literários, longe de está associado ao prazer estético, se dava por uma reprodução de civilidade, mesmo que não houvesse aceitação efetiva do que seja e representa a arte literária. Por isso, nesses momentos “encontra remédio infalível para as suas graves crises de insônia” (Correio de Ilhéos, 1921).

Jorge Amado situa a cidade no cenário literário brasileiro na voz e na adesão de “Josué à famosa Semana da Arte Moderna de São Paulo, cujos ecos revolucionários chegava a Ilhéos com três anos de atraso” (AMADO, 2002, p. 222). Isto é, a cidade é vista sob nova óptica e, a isso, somam-se novas narrativas que enfraquecem o discurso do coronelismo.

O professor Josué, em paixão à jovem Malvina, atuava com frequência com poemas “longos, de exaltação daquele amor que nem mesmo a morte e nem mesmo o pesar dos séculos destruiriam jamais. *Eterno como a própria eternidade, maior que os espaços conhecidos e desconhecidos, mais imortal que os deuses imortais*” (AMADO, 2002, p. 222).

Além do romântico e apaixonado professor Josué, Ilhéos recebe outro nome de relevância no cenário literário baiano, o “Dr. Argileu Palmeira, eminente e inspirador poeta, honra das letras baianas – o Doutor se apresentava como uma ponta de orgulho na voz” (AMADO, 2002, p. 222). E no diálogo com Nacib, o poeta afirma que a poesia está acima da política. Essa afirmava é portadora de extenso significado, uma vez que todo o enredo do romance *Gabriela, Cravo e Canela* acontece sob o signo das disputas políticas que marcaram a cidade de Ilhéos no tempo da narrativa.

Para Faoro (2000), o conceito de política pode ser entendido em dois aspectos: o capitalismo político e o capitalismo moderno. O capitalismo político se pauta no

tradicionalismo, numa busca de permanências das estruturas de poder institucionalizado. Sua tônica consiste em limites individuais, já que a relação encurta a liberdade, e a massa popular é vista como súdito e o estado como senhor, sem que tenha uma função de promover as garantias de bem comum.

O capitalismo moderno traz em seu discurso a idéia de liberdade individual, de produção de venda, de consumo, de contestação e, sobretudo, de uma produção industrial, não mais respaldada na terra, como única fonte de riqueza. É nesta concepção que o indivíduo passa de sua condição de súdito a cidadão, resguardado na autonomia frente ao Estado.

Assim, é possível analisar criticamente essa conjuntura, pois esse discurso, na concepção de Jorge Amado, não significou uma acessibilidade da maioria da população à riqueza produzida pelo “fruto de ouro” edesse modo, pontuam-se que a atuação política e a trajetória de Jorge Amado aludem que a citação *poesia está acima da política*, não se trata de um demérito e da importância desta para a sociedade, porém, o romancista crítica a forma como a política é praticada no país e, em especial, na cidade de Ilhéus.

Sobre as bases em que se desenvolveu a política nacional Faoro (2000), identifica o patrimonialismo que se caracteriza como a forma dos representantes da política conduz, comanda, supervisiona os negócios privados, seus na origem, como negócios públicos. Nesse sentido, esta estrutura adota como movedor de suas engrenagens econômicas o mercantilismo. O caráter patrimonialista, portanto, se assenta no tradicionalismo, numa tentativa de fazer-se manter esta conjuntura.

Segundo Faoro (2000), o que predominou na história brasileira foi que seus dirigentes, àqueles que detinham o poder estatal, utilizando de ideologias e outros meios, tais como: a manipulação a agressividade, faziam calar as forças e expressões sociais ou as amoldavam integrando-as a um sistema de maior envergadura e poder, que era o Estado.

Desse modo, constata-se que há um distanciamento de Faoro, em alguns momentos, da teoria marxista ao discorrer que estas formulações estruturais não configuram em uma classe. Sua composição por diferentes indivíduos, advindos de funções variadas, tais como: juristas, letrados, burocratas, apenas forma um pequeno grupo, uma “corporação de poder” instalado no “núcleo decisório do estado”. No patrimonialismo há uma tentativa de elevação e movimentação das classes, que surge em contrapartida, uma apropriação e diluimento de toda esta prática na elite.

Para Faoro (2000), existe uma realidade paradoxal, a presença do estado como sugadora da fortuna produzida, gera assim, o empobrecimento da maioria e ao mesmo tempo uma adequação desta ao ritmo mundial por parte da população menos favorecida. O paradoxo consiste justamente neste Estado patrimonial de capitalismo politicamente orientado, explorador, mas ao mesmo tempo, amparado numa visão ideal e que tinha como referência o capitalismo moderno, numa visão idealista de uma sociedade perfeita a ser atingida. Todos estes fatores são agravados pela presença no Brasil de uma massa desarticulada e analfabeta.

Em *Gabriela, Cravo e Canela*, a presença literária faz questionar o modelo político e enraizado no Brasil e, assim, o resultado dessa intervenção cultural-literária seria, pois, a renovação social, política e o reposicionamento da sociedade e seus valores.

Torna-se relevante no conteúdo romanesco de Jorge Amado é sua preocupação em fazer com que a literatura reflita “em grau variável de intensidade as grandes tensões que caracterizam um determinado tempo histórico, quase sempre não fica imune aos fluxos ideológicos que permeiam os impasses políticos mais significativos” (BERGAMO, 2008, p. 54). Ainda na perspectiva de Bergamo (2008), o romance adquire sua hegemonia nos moldes e nas estruturas capitalistas, surge para retratar o processo e a nova etapa em que estava a humanidade. Por isso, o compromisso de engajamento que afetou, sobremaneira, a literatura de Jorge Amado e possibilitou o diálogo efetivo entre ficção e realidade, entre literatura e história e evidenciou as fragilidades das fronteiras dos grupos sociais de Ilhéus.

Portanto, neste percurso apresentado foi possível identificar o desenvolvimento discursivo do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, no que tange a crítica e a desconstrução do progresso de Ilhéus associado aos seus representantes políticos, os coronéis do cacau.

Ao recorrer ao jovem Mundinho Falcão, a Gabriela, as mulheres de “má fama”, os vagabundos, os grupos populares, as narrativas literárias, as forças externas que insidiam sobre a cidade, Jorge Amado descentraliza e dissemina nas várias esferas sociais e culturais as contribuições para as mudanças efetivas de Ilhéus e amplia a interpretação da cidade do cacau, uma vez que não se centra nos monumentos, na arquitetura urbana, mas questiona e discute as várias instâncias sociais e culturais, numa preocupação efetiva com os dramas humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**: crônica de uma cidade do interior. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ALBUQUERQUE, Júnior Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BERGAMO, Edvaldo. **Ficção e convicção**: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa PezzaCintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

FAORO, Raymundo. A viagem redonda: do patrimonialismo ao estamento. In: **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo/Publicfolha, 2000.

FALCÓN, Gustavo. **Os coronéis do cacau**. Salvador: UFBA, IANAMA, 1995.

FOUCALT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Resende, Adeline La Guardia. Belo Horizonte Ed, da UFMG, 2006.

HALBAWCHS, Maurice; SIDOU, Beatriz. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LEAL, Victor Nunes. Considerações finais. In: **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

RIBEIRO, André Luiz Rosa. **Memória e identidade**: reformas urbanas e arquitetura cemiterial na região cacauzeira (1880-1950). Ilhéus: Editus, 2005.

TÁTI, Miécio. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

VÉSPERAS. **Correio de Ilhéus**, 05 de outubro 1921.